DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH): UMA REVISÃO LITERÁRIA SOBRE ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

MARIA CRISTINA PAZ DE SOUSA

RESUMO:
O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma condição neurobiológica caracterizada por sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade, que impactam diretamente o desempenho acadêmico dos alunos. No ambiente escolar, estudantes com TDAH enfrentam dificuldades na concentração, na organização das atividades e no controle emocional, o que exige a adoção de estratégias pedagógicas específicas para garantir um aprendizado mais eficaz e inclusivo. Este artigo apresenta uma revisão da literatura sobre estratégias de ensino voltadas para alunos com TDAH, analisando abordagens pedagógicas que favorecem a atenção, o engajamento e a retenção do conhecimento. Os principais autores dessa pesquisa são Silva (2014) que traz do ponto de vista médico, as causas, sintomas e características do transtorno, bem como subsídios e suporte pedagógico para professores, familiares e cuidadores, no trato com a criança com TDAH. Maia e Confortin (2015) também fundamentaram esse trabalho, trazendo colocações relevantes sobre a importância do diagnóstico precoce e o olhar do professor de maneira atenta e paciente para o aluno com o transtorno. Muszkat et al (2017) e Graeff e Vaz (2008) também subsidiaram a pesquisa salientando sobre as dificuldades do diagnóstico, destacando as características que precisam ser consideradas nesse processo, diferenciando mal comportamento e indisciplina do transtorno. Entre as principais estratégias discutidas estão o uso de metodologias ativas, recursos tecnológicos, ensino estruturado, flexibilização curricular e técnicas de regulação emocional. Além disso, destaca-se o papel fundamental dos professores na mediação do aprendizado e na criação de um ambiente escolar adaptado às necessidades desses estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH); Dificuldades de Aprendizagem; Estratégias de ensino.

INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por sintomas persistentes de desatenção, hiperatividade e impulsividade, que afetam significativamente o funcionamento social, acadêmico e emocional do indivíduo.

No contexto educacional, o TDAH representa um desafio tanto para os educadores quanto para as famílias, pois interfere diretamente na capacidade da criança de manter a atenção, organizar tarefas, controlar impulsos e adaptar-se a regras e rotinas escolares. Muitas vezes, a falta de compreensão sobre o transtorno pode levar a diagnósticos tardios, práticas pedagógicas inadequadas e estigmatização da criança.

Pesquisas na área da neurociência e psicopedagogia indicam que a adaptação das metodologias de ensino pode contribuir para a inclusão e o sucesso acadêmico dos estudantes com TDAH. Abordagens como metodologias ativas, uso de tecnologia educacional, flexibilização curricular e técnicas de regulação emocional são fundamentais para melhorar o engajamento e a retenção do conhecimento. Além disso, a capacitação dos professores e o suporte da família desempenham um papel crucial na promoção de um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e eficiente.

Pensando nisso, a escolha do tema se deu diante da relevância de se apresentar, por meio de uma revisão literária, estratégias de ensino que possam ser adotadas em sala de aula, de modo a minimizar essas dificuldades e auxiliar o aluno em seu desempenho escolar.

Este artigo apresenta uma revisão da literatura sobre estratégias de ensino para alunos com TDAH, analisando práticas pedagógicas que favorecem o aprendizado e discutindo os desafios enfrentados pelos educadores. O estudo busca compreender como diferentes abordagens podem contribuir para um ensino mais inclusivo, visando à construção de um ambiente educacional que respeite as necessidades e potencialidades desses

estudantes.
Discorreremos inicialmente, sobre os principais sintomas que acometem os indivíduos com TDAH, a relevância do diagnóstico e a importância do olhar atento das pessoas que rodeiam a criança (cuidadores, professores, pais, familiares, médicos pediatras, etc.), para acelerar esse processo, uma vez que quanto mais precoce o tratamento for iniciado, melhor a chance de qualidade de vida e desempenho escolar do aluno.
No último item, traremos algumas dicas e estratégias de ensino a serem adotadas pelos docentes, a fim de contribuir para a formação continuada dos mesmos a respeito do tema, como um suporte pedagógico para lidar com situações adversas e abordar de forma respeitosa, qualitativa e equitativa a criança com TDAH.

DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: DOS PRINCIPAIS SINTOMAS AO DIAGNÓSTICO

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico crônico, caracterizado por desatenção, hiperatividade e impulsividade. Ele tem origem genética e pode afetar crianças, adolescentes e adultos, impactando significativamente o desempenho acadêmico, profissional e as relações interpessoais.
Silva (2014) em sua obra Mentes Inquietas TDAH: Desatenção, Hiperatividade e Impulsividade, traz alguns pontos observáveis no comportamento de crianças e adultos que apresentam o TDAH, como crianças que demonstra extrema necessidade de estar em constante movimento, tem dificuldade em prestar atenção na aula, se distraindo ao menor estímulo, além de dificuldades de aprendizagem e relacionamentos.
No que se refere a homens e mulheres, outra característica muito comum apontada pela autora é a desorganização, pessoas enroladas, impacientes, cheios de energia, que tendem a abandonar projetos no meio do caminho e estão sempre em busca de algo novo e estimulante. Apresentam altos e baixos repentinos, são impulsivos, esquecem compromissos importantes, perdem objetos com constância, não param em empregos e tendem a trocar de relacionamento como se "trocasse de roupa".

De acordo com Silva (2014):

O TDAH se caracteriza por três sintomas básicos: desatenção, impulsividade e hiperatividade física e mental. Costuma se manifestar ainda na infância, e, em cerca de 70% dos casos, o transtorno continua na vida adulta. Ele acomete ambos os sexos, independentemente de grau de escolaridade, situação socioeconômica ou nível cultural, o que pode resultar em sérios prejuízos na qualidade de vida das pessoas que o têm, caso não sejam diagnosticadas e orientadas precocemente.

As crianças com TDAH são comumente descritas como desligadas, aborrecidas e desmotivadas frente às tarefas, sem força de vontade, bagunceiras e desorganizadas. São crianças agitadas, como se estivessem a mil por hora ou com bicho carpinteiro, são barulhentas e tendem a fazer coisas fora de hora (Barbosa, 2001 apud GRAEFF, VAZ, 2008).
O TDAH é considerado um problema de saúde pública e é caracterizado pela desatenção, isto é, pela dificuldade em prestar e manter a atenção por um determinado tempo, em responder corretamente quando algo lhe for solicitado, não conseguir seguir regras impostas, seja pelos pais ou professores, dificuldade em concluir tarefas diárias e de se organizar em determinado assunto ou contexto; hiperatividade que se caracteriza por movimentos estereotipados como agitação das mãos e pés, não conseguir permanecer em um mesmo local por muito tempo; e impulsividade, ou seja, a criança oferece respostas precipitadas e tem dificuldade em esperar sua vez. (SOUZA, et al, 2021).
Silva (2014) discorre sobre os principais sintomas do TDAH da seguinte forma: alteração de atenção, impulsividade, hiperatividade física e mental.
Alteração da atenção: Embora a hiperatividade seja um dos sintomas mais comuns do TDAH, algumas pessoas com o transtorno podem não apresentar esse sintoma, no entanto, a autora destaca que a alteração de atenção é uma característica muito marcante, pois o indivíduo tende a apresentar forte tendência à dispersão. Para um adulto com TDAH, "manter-se concentrado em algo, por menor que seja, pode ser um desafio tão grande como para um atleta de corrida com

obstáculos que precisa transpor barreiras cada vez maiores até chegar ao fim da pista". (SILVA, 2014).
Impulsividade se refere a maneira como a pessoa com TDAH reage aos estímulos do mundo externo. "Pequenas coisas são capazes de lhe despertar grandes emoções gera o combustível aditivado de suas ações". (SILVA, 2014). No caso das crianças, a autora declara que:

Crianças costumam dizer o que lhes vem à cabeça, envolver-se em brincadeiras perigosas, brincar de brigar com reações exageradas – e tudo isso pode render-lhes rótulos desagradáveis, como mal-educadas, más, grosseiras, "estraga-prazeres", irresponsáveis. Nas crianças TDAs, esses comportamentos são, além de mais intensos, mais frequentes. E é, claro, isso será um dos fatores de grande influência na formação de autoestima cheia de buracos. Todo TDA, na vida adulta, apresentará problemas com sua autoestima, e este é o maior de todos os desafios de seu tratamento: a reconstrução dessa função psíquica que, em última análise, constitui o espelho da própria personalidade.

Ser impulsivo, de acordo com Silva (2014) é uma das principais causas da criança com TDAH apresentar dificuldades em relacionar-se com os outros, pois nesse caso, a criança diagnosticada com TDAH tende a atropelar brincadeiras para fazer parte delas, ao mesmo tempo em que pode se desinteressar rapidamente pela atividade, que ora insistiu tanto para participar.
Hiperatividade física e mental: nesse caso, a hiperatividade física, segundo a autora, é muito fácil de identificar, pois as crianças que apresentam hiperatividade, se mostram agitados, movendo-se sem parar, seja em casa, em sala de aula, no playground, etc. Já nos adultos, essa hiperatividade predomina mentalmente e se apresenta de maneira mais sutil – embora a autora enfatize que não se trata de ser menos penosa que a física.
Trata-se do adulto "que interrompe a fala do outro o tempo todo, muda de assunto antes que o seu interlocutor possa elaborar uma resposta e não dorme à noite porque seu cérebro fica tão agitado que não consegue se desligar". (SILVA, 2014). Os jovens hiperativos são, frequentemente, imprudentes e impulsivos, sendo suas relações marcadas por uma ausência de inibição social, com falta de cautela e reservas. São impopulares com os outros e tendem a se isolar socialmente. (MAIA, CONFORTIN, 2015).
No caso das crianças com TDAH, Silva (2014) salienta que na infância o diagnóstico se torna ainda mais difícil, pois como supracitado, as características principais do transtorno é desatenção, impulsividade e hiperatividade e ao considerarmos que essas três características são muito comuns na infância, como a agitação, as correrias, a falta de atenção em atividades encadeadas e prolongadas, principalmente se não tiverem um atrativo especial.
Muszkat et al (2017) salienta que o TDAH, em grande parte, associa-se a outros problemas como dificuldades de aprendizagem, os transtornos de humor, de ansiedade e vários problemas comportamentais. "Tais comorbidades não apenas ampliam a dimensão de impacto do transtorno como também nos colocam diante de desafios diagnósticos, que só podem ser abordados dentro de uma perspectiva interdisciplinar". (MUSZKAT et al, 2017).
Para diagnosticar a presença de um indivíduo com TDAH, faz-se necessária a comprovação feita por um profissional especializado; porém, muitos indícios precisam ser manifestados, para que se possa suspeitar da presença desse sintoma. Os indícios mais frequentes, e possíveis de detectar, apresentam-se desde os primeiros meses de vida, etapa em que o bebê se mostra insaciável, irritado, tem cólicas acentuadas e apresenta dificuldade de alimentação e sono. (MAIA, CONFORTIN, 2015).
Segundo Peixoto e Rodrigues (2008 apud GRAEFF, VAZ, 2008), o processo diagnóstico do TDAH deve envolver a família e os professores durante a coleta de dados, sendo necessário o preenchimento de protocolos específicos, que buscam compreender o comportamento da criança nos diferentes contextos em que está inserida. A avaliação do TDAH deve ser criteriosa, utilizando-se de vários instrumentos e de feed-backs entre profissionais da área da saúde, firmando

um compromisso de avaliação interdisciplinar para o transtorno (GRAEFF, VAZ, 2008).
O diagnóstico final deve ser elaborado por um profissional especialista no assunto, que tenha conhecimento para descartar outras doenças ou transtornos. A afirmação só será válida após o médico psiquiatra se valer de seus exames e da informação dos demais profissionais que acompanhem o caso - psicólogo, terapeuta, educadores, psicopedagogos. (MAIA, CONFORTIN, 2015).

Diagnosticar o TDAH é uma tarefa complexa e requer experiência e maturidade. Uma vez que não existem exames complementares que por si só diagnostiquem tal transtorno, seu diagnóstico apoia-se na combinação cuidadosa da observação e dos dados da história clínica e das repercussões dos sintomas comportamentais na rede relacional da criança. A avaliação do desempenho da criança em testes neuropsicológicos e medidas fisiológicas da atenção, do controle inibitório, da organização e do planejamento de tarefas é fundamental, uma vez que, como dissemos, o diagnóstico é interdisciplinar. Neste sentido, é também de extrema relevância os relatos e depoimentos de familiares, professores e/ou pessoas da rede social da criança. Assim, durante a entrevista diagnóstica devem ser avaliados não só os sintomas, mas fundamentalmente a intensidade e o grau de prejuízo das funções adaptativas que tais sintomas condicionam. É essencial procurar, através de uma anamnese sensível e atenta, delimitar o contexto familiar e educacional envolvidos com os sintomas. (MUSZKAT et al, 2017).

O diagnóstico do TDAH é clínico, devendo ser feito por médicos especialistas no assunto, com ou sem auxílio de uma equipe interdisciplinar que pode ser composta por: neurologista, neuropsicólogo, psicólogo, psicopedagogo, e/ou fonoaudiólogo. De acordo com Stroh (2010), todo diagnóstico deve seguir os seguintes passos:
Entrevistas com os pais (levantamento das queixas e sintomas e relato sobre o comportamento da criança em casa e em atividades sociais);
Entrevistas com professores (relato sobre o comportamento da criança na escola, levantamento das queixas, sintomas, desempenho escolar, relacionamento com adultos e crianças);
Questionários e escalas de sintomas para serem preenchidos por pais e professores;
Avaliação/observação da criança no consultório;
Avaliação neuropsicológica;
Avaliação psicopedagógica;
Avaliação fonoaudiológica.
De acordo com Silva (2014):

O principal instrumento de um médico, de um psicólogo ou de outro profissional habilitado que queira avaliar a possibilidade de uma criança ser TDA é pura e simplesmente a observação. Mas, claro, uma observação muito especial; o observador deve estar treinado a captar as nuanças tanto no comportamento manifesto da criança como nos relatos de pais e/ou cuidadores, professores e de outras pessoas do convívio dela para analisar os fatores que a caracterizam como TDA.

O TDAH pode dificultar o desempenho acadêmico, devido à dificuldade de concentração e organização. No entanto, com apoio adequado e estratégias personalizadas, os indivíduos podem desenvolver habilidades para lidar com o transtorno e alcançar uma vida produtiva e bem-sucedida.

TDAH E APRENDIZAGEM: PAPEL DO PROFESSOR NO ÂMBITO ESCOLAR
O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma condição neurobiológica que afeta diretamente o processo de ensino-aprendizagem. Caracterizado por desatenção, hiperatividade e impulsividade, o TDAH pode dificultar o desempenho acadêmico, a organização dos estudos e a interação social dos alunos. No entanto, com estratégias pedagógicas adequadas, é possível promover uma aprendizagem mais eficaz e inclusiva para esses estudantes.

[...] Uma vez diagnosticado o TDAH, esse aluno deve ser considerado como uma criança com necessidades educacionais especiais, pois para que tenha garantidas as mesmas oportunidades de aprender que os demais colegas de sala de aula, serão necessárias

algumas adaptações visando diminuir a ocorrência dos comportamentos indesejáveis que possam prejudicar seu progresso pedagógico [...] (REIS, 2011 p.8 apud MAIA, CONFORTIN, 2015).

A boa adaptação ao ambiente escolar, o relacionamento interpessoal adequado com os pares e as boas notas são padrões esperados de uma criança em idade escolar. A presença de TDAH, transtornos do aprendizado (TA) ou, ainda, a presença de ambos os diagnósticos em comorbidade representam fatores de risco importantes para o mau rendimento escolar. Os TA podem ser entendidos como um fracasso para desenvolver habilidades específicas esperadas para a idade e escolaridade, na ausência de privação sensorial, doença neurológica ou déficit intelectual global significativo. Ainda hoje, as dificuldades acadêmicas experimentadas por portadores de TA são freqüentemente malcompreendidas e entendidas apenas como um reflexo de desmotivação e/ou pouco empenho, sendo negligenciada a investigação adequada dessas condições primárias. (SOUZA et al, 2007).
É cada vez mais comum encontrar, na escola, estudantes com TDAH, que são confundidos com jovens que possuem mau comportamento, que resistem às orientações do professor, que ficam inquietos, agitados e ansiosos, mediante determinada situação. Por não serem identificados com esse transtorno e, por consequência, não terem identificadas suas dificuldades, esses estudantes não conseguem se concentrar, questionar, refletir sobre um problema apresentado em sala de aula, o que os deixa “atrasados” em seus conteúdos em relação a seus colegas. (MAIA, CONFORTIN, 2015).
O aluno com TDAH tem plena condição de desenvolver seu potencial criativo, mas quando perde o foco da atenção, deixa suas atividades pela metade, não chegando assim a concluí-las. Neste sentido o processo de aprendizagem e desenvolvimento que o aluno alcança depende significativamente da atuação do professor nesse processo, e o tipo de metodologias que irá utilizar com esse aluno. Cabe então, estimular constantemente a atenção do aluno com TDAH, para que não venha se perder a qualquer novo estímulo do ambiente. (SILVA, DIAS, 2014).
Para Holanda et al (2023) no âmbito escolar o foco deve ser direcionado a evitar o fracasso escolar, através do desenvolvimento de práticas pedagógicas que despertem o interesse do estudante diagnosticado. Mostra-se fundamental propiciar um ambiente escolar adequado. A organização da sala deve ser minimalista, sem enfeites e cores que concorram com o foco da aula. A posição do estudante na sala deve ser na frente e centralizado. O ambiente deve ser livre de qualquer discriminação e preconceito.
O profissional que atua na área educacional faz-se necessário estar em constante atualização e estudos para que a haja qualidade na metodologia aplicada em sala, e no processo educativo dos alunos, pois é através das competências de habilidades dos profissionais que se configura uma identidade própria e singular na vida dos alunos como também na instituição. (SILVA, DIAS, 2014).

O rendimento escolar da criança com TDA é marcado pela instabilidade. Um exame nos boletins escolares ou nos registros dos professores pode ilustrar bem o problema: em um momento, ela é brilhante; em outro, inexplicavelmente, não consegue apreender os conteúdos ministrados. Tais momentos tão díspares, muitas vezes, são bastante próximos no tempo. Não é incomum que se alternem de um dia para o outro. A instabilidade da atenção é a causa desse sobe e desce no desempenho. Caso a criança seja também hiperativa, o problema pode se agravar, pois, além da desatenção, a incapacidade de se manter quieta em sua carteira a impedirá não só de aprender, como também de conquistar e manter amizades. (SILVA, 2014).

Silva (2014) ressalta a importância da parceria entre escola e família para melhorar a qualidade de vida e desempenho escolar de crianças com TDAH, pois além do acompanhamento médico e psicológico, é fundamental que crianças com o transtorno se sintam em um ambiente confortável, adequado e receptivo à mudanças, aberto às diferenças e às variações no ritmo de aprendizagem. A autora nos traz importantes dicas no gerenciamento do TDAH em sala de aula, conforme elencadas abaixo:

Conhecimento: os professores necessitam de ter conhecimento sobre o assunto, ter jogo de cintura e flexibilidade para auxiliar o aluno com TDAH;
Diagnóstico: como bem enfatiza a autora (SILVA, 2014), não cabe ao educador fazer o diagnóstico de TDAH em crianças, mas ao perceber os sintomas, deve orientar a família a buscar ajuda, pois quanto mais rápido o início de tratamento, menos dificuldades apresentará em sua vida escolar;
Parceria entre escola e família: As reuniões com familiares precisam ocorrer regularmente, a fim de situar a família quanto ao desempenho escolar do aluno, bem como seus avanços e dificuldades, não somente quando as crises forem maiores;
Parceria entre os profissionais que cuidam e acompanham essa criança: segundo a autora, é importante que haja esse contato entre professores, psicólogos, médicos que fazem o acompanhamento dessa criança. Uma ideia trazida pela autora é a de convidar os profissionais de saúde a visitarem a escola, orientando-os no trato com seus pacientes com TDAH, isso fará com que o trabalho feito na escola complemente o que é realizado no consultório;
Paciência e cuidado com crianças com TDAH: aqui a autora ressalta a importância da paciência do educador para a sua criança com TDAH, salientando que isso não significa ser permissivo e tolerante em excesso. É preciso manter a disciplina em sala de aula e exigir que os limites sejam obedecidos, de maneira clara, sem excessos;
Incentivar e evidenciar os avanços e conquistas obtidos pela criança: aqui a autora reflete sobre a relevância de elogiar as pequenas e grandes conquistas dos pequenos com TDAH, quando este consegue se comportar bem ou realizar uma atividade complexa. Para a autora, elogiar é melhor que "punir" sempre que ocorre o contrário, quando as regras não são seguidas ou haver mal comportamento por parte do aluno;
Lugar de assento adequado: a autora destaca que a criança com TDAH precisa sentar-se perto do professor ou de um colega afetivo e positivo. Longe de janelas, corredores com larga passagem de pessoas, colegas "tagarelas", que possam servir de distração;
Rotina clara e objetiva: por ter dificuldade de organização, se faz necessário que o professor mantenha uma rotina clara e objetiva com essa criança, bem como os combinados e regras de convivência (o que fazer ou não fazer, por exemplo);
Contato através do olhar: o professor precisa manter contato visual com o aluno, pois assim, auxilia o aluno a manter o foco e trazê-la de volta às suas explicações, sempre que ela se distrair;
Em momentos oportunos, abaixar o tom de voz: para a autora, falar baixinho ou sussurrar de vez em quando, o aluno pode ouvir melhor do que quando gritamos;
Diálogo firme e consistente: sempre se dirigir ao aluno de maneira assertiva em sua colocação, mas sempre de maneira gentil e afetuosa;
Orientações curtas e claras: para os alunos com TDAH, as orientações necessitam ser curtas e claras, com vocabulário de fácil compreensão;
Dividir tarefas complexas: para as tarefas que exigirem mais da concentração e atenção do aluno, a autora indica que o professor a divida em diversas pequenas orientações, de modo a facilitar e viabilizar a sua compreensão e desempenho;
Escuta ativa: esperar com calma o que o aluno tem a dizer. Ele pode demorar um pouco para conseguir expressar suas ideias com clareza;
Repita as ordens: o professor precisa procurar entender se o aluno compreendeu o que ele disse e se necessário, repetir suas ordens mais de uma vez, verbalizando calmamente o que está sendo solicitado;
Incentive o uso da agenda: o professor pode orientar seu aluno quanto ao uso da agenda, já que se trata de um acessório que auxilia na organização de tarefas, algo difícil para o indivíduo com TDAH;
Estabeleça metas individuais: trocar ideias e perguntar ao aluno no que o professor pode ajudá-lo, segundo a autora, o fará sentir-se acolhido e valorizado;
Alterne métodos de ensino: aulas repetitivas e monótonas tendem a não cativar os alunos de um modo geral, especialmente crianças com TDAH. A autora incentiva que os professores "abusem" de sua criatividade para apresentar aulas criativas e atrativas para os pequenos;

Pensar em momentos para a criança sair um pouco da sala de aula: a criança com TDAH precisa ter seus momentos fora da sala de aula, isso pode diminuir a inquietação e dispersão. "É melhor perder alguns pedaços, do que a aula inteira" (SILVA, 2014);
Uso das tecnologias: por fim, a autora indica o uso de notebooks, tablets e afins no que se refere à aprendizagem de crianças com TDAH, pois segundo a autora, essas crianças podem apresentar dificuldade com a escrita, porém podem ser muito habilidosos com as tecnologias.
Com estratégias adequadas, o aluno com TDAH pode superar desafios e aprender de forma significativa, alcançando um desempenho acadêmico satisfatório e desenvolvendo habilidades essenciais para a vida. De acordo com Holanda et al (2023):

Entretanto, a responsabilidade não recai unicamente sobre o professor, refuta-se o excesso de responsabilidade que recai sob esse profissional para adotar a perspectiva global de tratamento multidisciplinar. Cabe ao professor, além de trabalhar com saberes, habilidades e valores, acreditar no potencial da criança, na medida em que respeita os limites e necessidades peculiares, desenvolver a sensibilidade de perceber um estudante com possível TDAH, manter uma estreita relação com pais, psicopedagogos, psicólogos responsáveis pelo tratamento e, sobretudo, permanecer motivado a desenvolver estratégias que possam ser traçadas para atingir a eficiência na aprendizagem

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) afeta diretamente o processo de aprendizagem, pois compromete a atenção sustentada, a organização, o controle dos impulsos e a regulação do comportamento. No ambiente escolar, alunos com TDAH podem enfrentar dificuldades para manter o foco, seguir instruções, concluir tarefas e lidar com regras e prazos. No entanto, com estratégias pedagógicas adequadas, é possível minimizar esses desafios e potencializar o aprendizado desses estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central dessa pesquisa era destacar as principais dificuldades apresentadas pelo aluno com TDAH e quais estratégias a escola, professores e família poderiam adotar para aumentar a qualidade de vida e melhora do desempenho escolar do aluno com esse transtorno.
A pesquisa evidenciou que a implementação de metodologias ativas, adaptação do ambiente escolar e o uso de recursos visuais e tecnológicos demonstram-se essenciais para manter o engajamento e favorecer a retenção do conhecimento. Além disso, a parceria entre professores, familiares e especialistas é fundamental para garantir que o aluno receba suporte contínuo em seu processo de desenvolvimento.
É preciso que o professor tenha conhecimento a respeito do TDAH, clareza sobre seus principais sintomas para poder auxiliar seu aluno no processo de ensino-aprendizagem. Ter paciência, ser afetuoso e compreender as necessidades de seu aluno também se torna um grande diferencial em sala de aula, pois colabora para que o aluno se sinta acolhido e compreendido, auxiliando-o a deslanchar em seu desempenho escolar.
Adotar estratégias como deixar o aluno ter seus momentos fora da sala de aula, realoca-los a lugares que não colaborem para a sua dispersão, como não sentar próximo a portas e janelas, contribui para que o aluno consiga manter-se mais tempo concentrado e assim, possa desenvolver suas habilidades na escola.
Apenas punir, gritar, impor regras de maneira excessiva, não corrobora para que o aluno avance em seu desempenho, podendo até mesmo piorar a sua desatenção e hiperatividade, já que assim o ambiente escolar se torna um lugar desconfortável e pouco atrativo para ele.
Saber falar e saber ouvir, também se destacou na pesquisa como um dos pontos cruciais nesse processo, o saber falar no sentido de ser firme, claro, com vocabulário simples e de fácil entendimento, o saber ouvir se refere à paciência ao escutar, dar tempo de o aluno expor suas ideias sem se sentir pressionado, pois o aluno com TDAH tende a demorar mais para se expressar claramente.
Por fim, a pesquisa trouxe o TDAH como um dos grandes desafios que a escola enfrenta atualmente. Embora já seja um transtorno

comumente conhecido, é preciso haver mais estudos e formações sobre o tema, a fim de oferecer subsídios ao docente na abordagem escolar a esses alunos.

Dessa forma, compreender o TDAH e adotar estratégias específicas contribui não apenas para o desempenho acadêmico, mas também para o fortalecimento da autoestima e da autonomia dos estudantes. Com um olhar mais inclusivo e práticas pedagógicas inovadoras, é possível transformar a educação em um espaço mais equitativo e acolhedor, permitindo que cada aluno desenvolva seu potencial de forma plena.

REFERÊNCIAS

GRAEFF, R.L. VAZ, C.E. Avaliação e diagnóstico do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Psicologia USP, v. 19, p. 341-361, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusp/a/8yKwZ7nLBCxr7h5TffqPvKz/. Acesso em 01 de abril de 2025.

HOLANDA, F.M.P.P. BARBOSA, M.S. SANTOS, A.S. A importância do professor no desenvolvimento de estudantes com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). REBENA, Revista de Ensino e Aprendizagem, v. 6, p. 180-190, 2023. Disponível em: https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/107/96. Acesso em 03 de abril de 2025.

MAIA, M.I.R. CONFORTIN, H. TDAH e Aprendizagem: um desafio para a educação. Perspectiva, Erechim, v. 39, n. 148, p. 73-84, dez. 2015. Disponível em: 148_535-libre.pdf. Acesso em 02 de abril de 2025.

MUSZKAT, M. MIRANDA, M.C. RIZZUTTI, S. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, A.B.B. Mentes Inquietas, TDAH: Desatenção, Hiperatividade e Impulsividade. 4ª ed. São Paulo: Globo, 2014.

SILVA, S.B. DIAS, M.A.D. TDAH na escola estratégias de metodologia para o professor trabalhar em sala de aula. Eventos Pedagógicos, v. 5, n. 4, p. 105-114, nov/dez. 2014. Disponível em: https:// web. archive. org/ web/ 201804170 30425id_/ http://sinop. unemat. br/ projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/1582/1229. Acesso em 03 de abril de 2025.

SOUZA, I.G.S. et al. Dificuldades no diagnóstico de TDAH em crianças. Jornal brasileiro de psiquiatria, v. 56, p. 14-18, 2007. Disponível em: https:// www. scielo. br/ j/j bpsiq/ a/ gZfTLG7hch4wThFw556Kz8s/?lang=pt&format=html. Acesso em 03 de abril de 2025.

SOUZA, I.L.S. et al. Relações entre funções executivas e TDAH em crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. Revista Psicopedagogia, v. 38, n. 116, São Paulo, mai/ago. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862021000200006&script=sci_arttext. Acesso em 01 de abril de 2025.

STROH, J.B. TDAH – diagnóstico psicopedagógico e suas intervenções através da Psicopedagogia e da Arteterapia. Construção Psicopedagógica, v. 18, n. 17, São Paulo, dez. 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542010000200007&script=sci_arttext. Acesso em 02 de abril de 2025.